

rior, mais ou menos plana, apresenta várias insculpturas do género *côvinhas* e duma outra espécie vulgar por estes sítios<sup>1</sup>, que consiste num sinal crucial incluído em rectângulo (fig. 9). ¿Que relação cronológica haverá entre estas insculpturas, os fornos, e o povoado-morto?

Ribeira de Pena—verão de 1926.

(*Continua*).

MÁRIO DE MENEZES.

### Marcas de canteiro

Pôsto que sigla, em rigor, seja a letra inicial duma palavra<sup>2</sup> quando a representa, consideram-se geralmente siglas as marcas de canteiro, embora muitas vezes sejam verdadeiras abreviaturas, e até nomes completos, a representação de objectos ou animais, porventura indicando um apelido, uma alcunha, uma nacionalidade ou uma crença, ou ainda simples sinais criados pela fantasia dos artistas que os adoptavam para firmarem os seus trabalhos.

Como é geralmente sabido, foi Viollet-le-Duc<sup>3</sup> o primeiro a indicar-nos a sua verdadeira significação, critério que Possidónio da Silva seguiu e confirmou num trabalho publicado em 1868<sup>4</sup>. Até então, era opinião unânimemente seguida que êsses misteriosos desenhos gravados nas pedras carcomidas dos velhos edificios da Meia-Idade, eram um secreto meio de comunicação entre os iniciados nas associações maçónicas (*Bauhütten*) a que pertenciam as multidões de operários empregadas nas grandes construções.

De facto essas marcas devem ser apenas uma indicação do trabalho produzido pelo canteiro, para lhe ser contado o pagamento da empreitada.

Parece muito antigo o uso das siglas. Dos velhos monumentos egípcios, persas e caldeus, alguns há cujas pedras apresentam diversos sinais<sup>5</sup>. É contudo nos edificios românicos que as marcas de

<sup>1</sup> Existem perto do Castro de Mourão (vid. artigo anterior) e numa região dolménica entre Seirós e Pedroselos, que será referida mais tarde.

<sup>2</sup> Cagnat, *Cours d'Epigraphie Latine*, p. 400.

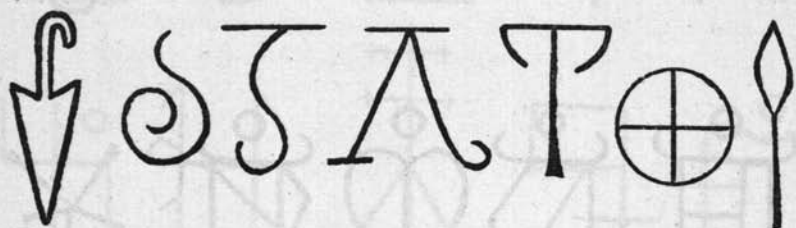
<sup>3</sup> *Dictionnaire d'Architecture*, pt. IV, p. 263, nota 1.

<sup>4</sup> *Mémoire de l'Archéologie sur la véritable signification des signes*.

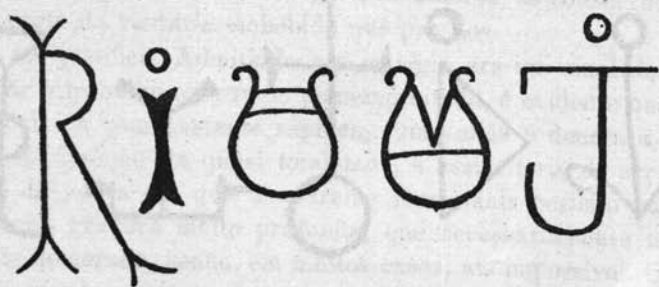
<sup>5</sup> Aarão de Lacerda, *O Templo das Siglas*, p. 61.

canteiro nos aparecem com freqüência, principalmente durante e depois do séc. XII.

Dessa época devem ser, por exemplo, as que existem nas paredes primitivas da velha Sé de Lisboa.



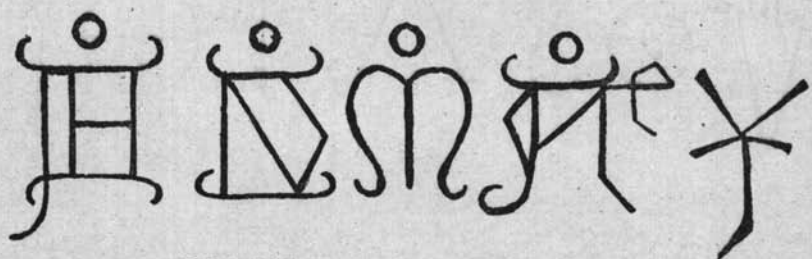
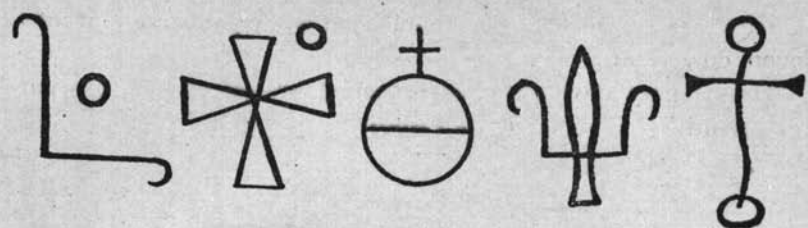
Dos sécs. XIII e XIV encontra-se grande número de pedras sigladas. As siglas são porém, em geral, de menores dimensões, e o seu desenho mais caprichoso. Do séc. XVI em diante só muito excepcionalmente nos aparecem.



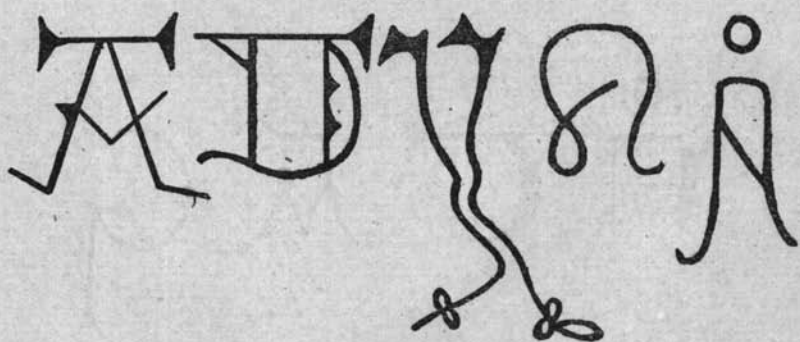
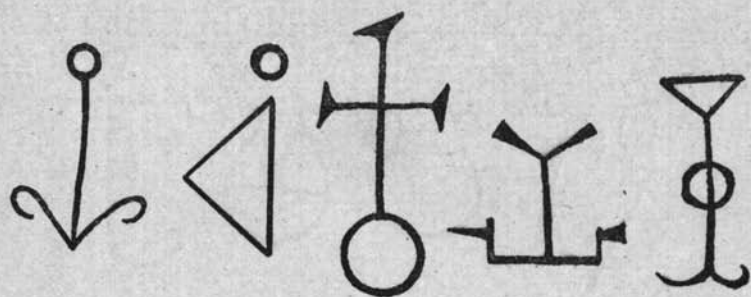
Odivelas — Séc. XIII



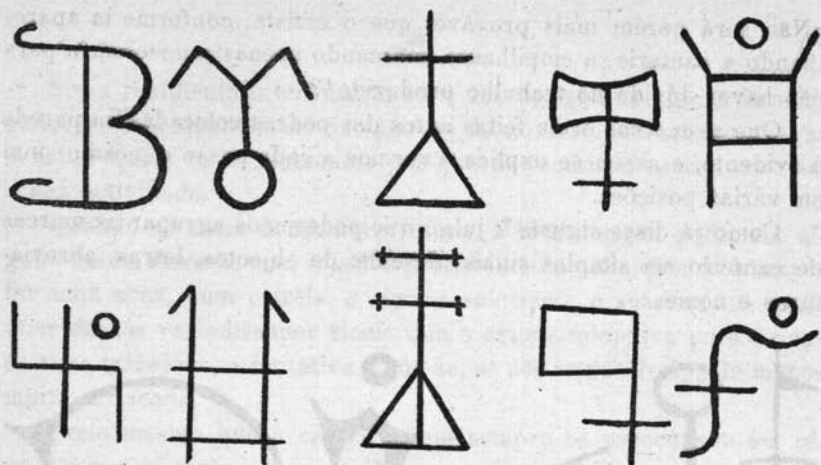
Sé de Lisboa, claustro — Séc. XIII-XIV



Sé de Lisboa, capelas absidais—Séc. XIV



Santa Maria do Carmo—Séc. XIV-XV



Santa Maria de Belém—Séc. XVI

\*

Ao contrário do que se tem dito, as marcas de canteiro não se encontram em todas as pedras duma construção onde há pedras sigladas. Nem tampouco é exacto que essas marcas, muito embora não servissem para o assentamento dos silhares, se conservem oculatas na parte da cantaria embebida nas paredes.

Eu me justifico. Admitindo que a sigla era um sinal destinado a marcar o trabalho executado por empreitada, é evidente que devia ser insculpida com bastante rapidez, como aliás o denota a simplicidade do desenho da quasi totalidade, e assim teria de ser aberta na face da pedra em que o aparelho fôsse mais perfeito para não exigir uma gravura muito profunda, que necessariamente teria de ser mais demorada, senão, em muitos casos, até impossível. Ora não se encontrando a sigla, como em geral sucede na maioria das pedras duma parede, na face mais lisa, não é natural que ela esteja na parte apenas desbastada para o assentamento das outras fiadas. Suponhamos ainda as aduelas duma porta. Para os lados visíveis o aparelho é cuidado; para o que fica embebido no muro, nem mesmo há aparelho. Então não é crível que o canteiro fôsse perder tempo a insculpir aí a sua marca.

Há também quem veja neste facto, da existência de pedras sigladas na mesma parede onde muitas pedras não têm marca, uma indicação de trabalho feito conjuntamente por empreitada e por jornal<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Brutails, *L'Archéologie du Moyen-Âge et ses méthodes*.

¿Não será porém mais provável que o artista, conforme ia aparelhando a cantaria, a empilhasse, marcando apenas a necessária para não haver dúvida no trabalho produzido<sup>1</sup>?

Que as marcas eram feitas antes das pedras colocadas na parede é evidente, e assim se explica o vermos a cada passo o mesmo sinal em várias posições.

Como já disse algures<sup>2</sup>, julgo que poderemos agrupar as marcas de canteiro em simples sinais, desenho de objectos, letras, abreviaturas e nomes:



É claro que não podemos atribuir a certos sinais a mesma significação que outrora tiveram. Um artista medieval não representava, evidentemente, uma figura humana como um seu antepassado das épocas pré-históricas. Para êle os seguintes desenhos eram simples cruces:



Como este outro não tinha já a significação dos primeiros tempos do cristianismo:



<sup>1</sup> Cordeiro de Sousa, *A sigla de Lourenço Afonso*, Lisboa 1922.

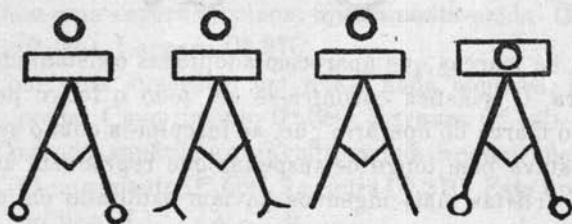
<sup>2</sup> Id., *ibid.*

\*

Seria realmente interessante se, como pretendem alguns investigadores, pela identificação das marcas de canteiro pudéssemos chegar a saber quais os monumentos em que determinado artista exerceu a sua actividade.

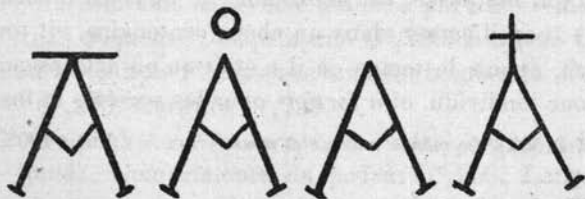
Quando se trate duma abreviatura, a identificação pode, em alguns casos, fazer-se com relativa probabilidade; mas quando a marca fôr uma cruz, uma estrêla, o *signum salomonis*, o suástica, ou qualquer dêsses variadíssimos sinais que o artista adoptava para firmar os seus trabalhos, a tentativa torna-se, se não impossível, pelo menos muito arriscada.

Creio mesmo que o canteiro nem sempre se preocupava em reproduzir com rigorosa exactidão o seu distintivo, como pode ver-se na seguinte abreviatura existente nas paredes exteriores das capelas absidais da Sé de Lisboa:



Estas quatro marcas são evidentemente variantes da mesma sigla. Apesar das pequenas diferenças, que aliás não lhes alteram o aspecto, a perfeita semelhança da insculptura denota que a mesma mão as abriu.

Mais quatro ali existentes e entremeadas com outras que se repetem, denunciando um grupo de operários trabalhando nesse local, podem talvez fazer-nos pensar se não serão do mesmo autor:



Não pode mesmo afirmar-se que o operário conservava durante toda a vida, ou sequer durante um longo período, o mesmo sinal,

e não o abandonaria quando, ao chegar a uma obra, o encontrasse adoptado por outro companheiro<sup>1</sup>.

Nem mesmo a forma dos caracteres pode dar-nos a indicação segura duma época, pois não só é frequente o aproveitamento de material de velhas construções, como acontece muitas vezes encontrarmos, talvez por êsse motivo, entremeadas letras características de épocas diferentes. Vêem-se, por exemplo, nas paredes das capelas afonsinas da Sé de Lisboa, pedras sigladas com antigos caracteres góticos monacais, a par de outras onde se nos deparam caracteres usados em tempos posteriores chegando a atingir os latinos do Renascimento.



Depois, há marcas que aparecem adoptadas constantemente pelos séculos fora. O suástica encontra-se em todo o longo período medieval como marca do operário que, ao insculpi-la com o seu modesto ponteiro, estava bem longe de suspeitar que reproduzia um símbolo que outros artistas mais ingénuos haviam estilizado em eras remotíssimas<sup>2</sup>. Encontramo-lo na Sé, em Odivelas, no Carmo, etc.

Nas pedras duma dessas imensas cathedrais, cuja construção se prolongou por séculos consecutivos, quantos sinais idénticos abertos por mãos diferentes!

J. M. CORDEIRO DE SOUSA,

«... ce qui est passé, est impossible de nous en détacher: il survit en nous; pareillement, dans un chêne centenaire, vit tout le passé qu'il a vécu, depuis le temps où il n'était qu'un arbrisseau. Il en est ainsi, et pour l'individu, et *a fortiori* pour les sociétés et les peuples».

<sup>1</sup> TH. ZIELINSKI, *Le monde antique et nous* (trad. fr.), Paris 1909, p. 77.

<sup>1</sup> Brutails, *ob. cit.*

<sup>2</sup> J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, vol. III, p. 432.